

Sourrouille defende o duplo choque heterodoxo

ACAPULCO — A aplicação de um choque heterodoxo na economia, com o congelamento de preços e de salários, para ser eficaz, tem de se fazer acompanhar também de um tratamento heterodoxo da dívida externa, que inclua o desconto do débito. A aplicação do choque nas economias subdesenvolvidas de forma pura e simples, sem se atentar para a questão da dívida externa, não resolve os problemas. A opinião é do ministro da Fazenda da Argentina, Juan Sourrouille, feita num dos intervalos da reunião do Grupo dos Oito, da qual está participando também o presidente Raúl Alfonsín, numa conversa informal mantida com jornalistas brasileiros, ao lado do ministro Bresser Pereira.

O próprio Bresser pediu ao ministro argentino para explicitar a posição do seu país sobre a questão da dívida externa, ao que Sourrouille respondeu que faz uma defesa intransigente da introdução do desconto sobre a dívida histórica, do crescimento econômico e da adaptação do valor do pagamento do serviço da dívida (juros e amortizações) às reais condições econômicas do país.

Os devedores, para o ministro argentino, não podem embarcar na ética de honrar seus compromissos a qualquer preço. Honrar compromissos, sim, mas desde que isto não

ameace o desenvolvimento e não se converta em sacrifício demasiado para a população.

Choques

Sourrouille diz que a repetição sucessiva de choques heterodoxos reduzem acentuadamente sua eficácia. Entretanto, se depois de alguns choques a inflação volta a ficar fora do controle, isso não significa que se deva voltar a ortodoxia ou às medidas clássicas. Pode ser um indicativo de que algo mais tem de ser feito no campo do combate à inflação estrutural. É é aí que entra a necessidade de se utilizar um tratamento heterodoxo para a dívida externa. O choque que quebra a inflação inercial, fruto de uma mera disputa pela renda. A inflação que surge após o choque é a estrutural, em geral surgida de um impasse de custos ou de um desequilíbrio no setor público.

Se um choque heterodoxo se faz acompanhar de um tratamento ortodoxo da dívida num país muito endividado, é difícil obter resultados. Porque não se consegue sustar a sangria de recursos produzida pelo serviço da dívida, o que gera um desajuste estrutural inalcancável pelo choque. Porque o choque é como um remédio: se você abusa dele, ele perde sua eficácia e surgem os efeitos colaterais, e nunca se vai chegar à cura. H.R.